
DO EFÊMERO AO SUBLIME: O POEMA-CRÔNICA DE CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

Angélica Rodrigues da Costa (UFG)¹

Resumo: O presente artigo evidencia a escrita poética de Carlos Drummond de Andrade tendo em vista sua atuação jornalística. Para tanto, serão discutidos o contexto de publicação e o processo de escrita de dois poemas-crônicas, “Em versiprosa” e “O morto de Mênfis”, do livro *Versiprosa*, publicados originalmente no jornal *Correio da Manhã*. O artigo se apoia nas considerações teóricas-críticas de Antonio Candido (1981) e Lúcia Granja (2018), entre outros, para mostrar o trânsito entre a poesia e a crônica na escrita drummondiana.

Palavras-chave: Carlos Drummond de Andrade; jornalismo; literatura.

FROM THE EPHEMERAL TO THE SUBLIME: THE POEM-CHRONICLE OF CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

Abstract: The present article highlights the poetic writing of Carlos Drummond de Andrade considering his journalistic activities. For this, the publication context and the writing process of two poems-chronicles, “Em versiprosa” and “O morto de Mênfis”, from the book *Versiprosa*, originally published in the newspaper *Correio da Manhã*, will be discussed. The article is based on the theoretical-critical considerations of Antonio Candido (1981) and Lúcia Granja (2018), among others, to show the transition between the poetry and the chronicle in Drummond’s writing.

Keywords: Carlos Drummond de Andrade; journalism; literature.

INTRODUÇÃO

A poesia fugiu dos livros, agora está nos jornais.

(Carlos Drummond de Andrade, 2002, p. 201)

A imprensa é presença constante na poesia de Carlos Drummond de Andrade, pode-se encontrar as marcas dessa proximidade da sua primeira publicação à última. O próprio autor fazia questão de deixar claro em entrevistas a importância do jornalismo para sua experiência enquanto literato. Ele chegou a afirmar que “[...] o jornalismo é escola de formação e de

¹ Doutoranda em Letras e Linguística, área de Estudos Literários, pela Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás. Mestra em Letras e Linguística (UFG/2021). Graduada em Letras - Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (2018). Possui interesse na área de estudos literários, principalmente em relação às poéticas da modernidade e da contemporaneidade.
Email: angelicacosta@discente.ufg.br

aperfeiçoamento para o escritor, isto é, para o indivíduo que sinta a compulsão de ser escritor” (Andrade, 2008, p. 37).

Drummond fazia parte do grupo de escritores jornalistas que considerava proveitosa a atividade profissional na imprensa, afinal era nesse ambiente que o escritor poderia praticar e testar suas limitações referentes a espaço, tempo e assunto, em uma verdadeira “escola”. É claro, existem muitas controvérsias sobre os benefícios e os prejuízos da união entre jornalismo e literatura ao aspirante a escritor, todavia o que se pretende evidenciar é a posição de Drummond, que, certamente, influenciou nas relações que o escritor teceu no decorrer de sua obra.

Nesse esteio, merece realce ante a vasta produção literária drummondiana o livro *Versiprosa* (1967-1973). Trata-se de uma reunião de textos que, anteriormente, foram publicados na *Revista Mundo Ilustrado*, no *Correio da Manhã* e no *Jornal do Brasil*, entre os anos 1954 e 1970. Como o título do livro sugere, o gênero mistura verso e prosa, amalgamando elementos da poesia, na estrutura e na linguagem, com características da crônica.

À vista disso, foram escolhidos dois textos para demonstrar a escrita de trânsito do poeta itabirano, “Em versiprosa” e “O morto de Mênfis”, ambos publicados no jornal *Correio da Manhã*. Periódico de grande relevância e popularidade na época, o *Correio da Manhã* iniciou suas atividades em 1901 e estabeleceu-se como um jornal de alcance nacional assumidamente opinativo em questões políticas. Além de Drummond, o jornal contou com colaboradores como Nelson Rodrigues, Clarice Lispector, Graciliano Ramos e Antonio Callado. Vale acrescentar que o periódico possuía seções para a discussão de literatura, teatro e artes, divulgando e sugerindo livros, inclusive foi nesse espaço que muitos conhecidos homens e mulheres de “letras” escreveram e anunciaram seus livros.

Dito isso, é pertinente mencionar que foi publicado no *Correio da Manhã*, no dia 14 de janeiro de 1960, em uma coluna intitulada “Escritores e Livros”, o anúncio do livro *Poemas* com a inscrição “Drummond, *Best-Seller*”. A mensagem continua com sentenças elogiosas ao poeta de Itabira, “o maior dos nossos poetas” (*Correio da Manhã*, 1960, p. 2).

O anúncio sinaliza que a imprensa teve um papel crucial para o estabelecimento e a popularização de muitos escritores, não só de prosa, mas também de poesia. O caso de Drummond é semelhante aos de vários outros jornalistas que aspiravam à literatura como ofício, escreviam para os jornais e aproveitavam desses veículos para divulgar suas produções poéticas.

Alain Vaillant (2015) comenta que, no século XIX, alguns poetas, a exemplo de

Baudelaire, recorreram à imprensa periódica para se estabelecerem e isso contribuiu para a desvinculação das amarras da versificação, bem como a uma maior liberdade de escrita, experimentação estética e diversificação temática que, por consequência, levou a uma reorientação do lirismo até então praticado.

As ponderações de Vaillant são centrais para refletir a respeito do lugar ocupado pela poesia, especificamente a de Drummond, já que, como pontua Lúcia Granja (2018, p. 14), “[...] a literatura [...] não pode ser desvinculada do fazer literário que a precede e de suas formas de veiculação”. Naturalmente, não se pretende transferir todo o crédito à imprensa no que concerne ao lugar de consagração literária conquistado por Drummond, mas deixar em evidência a importância desse sistema midiático para a consolidação do poeta e de sua poesia.

Dessa forma, os poemas-crônicas “Em versiprosa” e “O morto de Mênfis” serão discutidos tendo em vista as publicações originais no jornal *Correio da Manhã* e a posterior publicação do livro *Versiprosa*. O objetivo é evidenciar como esse veículo de comunicação interferiu nas escolhas formais, vocabulares e temáticas do jornalista e poeta Drummond. Para tanto, essa discussão contará com as considerações teóricas-críticas de Marie-Ève Thérenty (2015), Alain Vaillant (2015) e Lúcia Granja (2018).

1. VERSIPROSA: DA PÁGINA DO JORNAL À PÁGINA DO LIVRO

O livro *Versiprosa* foi lançado em 1967 e ganhou outro volume com a inclusão de novos textos em 1973. A obra é um legítimo e consciente ato de escrita que acompanha a essência da lírica drummondiana com a mordacidade atenta e irônica da vida cotidiana, sobretudo a carioca da metade do século XX. O comentário que precedeu essa edição do livro confirma a consciência do escritor quanto a dubiedade do gênero publicado:

Versiprosa, palavra não dicionarizada, como tantas outras, acudiu-me para qualificar a matéria deste livro. Nele se reúnem crônicas publicadas no *Correio da Manhã* e em outros jornais do país; [...] crônicas que transferem para o verso comentários e divagações da prosa. Não me animo a chamá-las de poesia. Prosa, a rigor, deixaram de ser. Então, versiprosa (Andrade, 2002, p. 508).

Trata-se de escritos nascidos do bojo jornalístico e que, como o próprio poeta admite, apresentavam características híbridas. De acordo com Marie-Ève Thérenty (2015), o jornal por dispor em sua estrutura de espaços e vozes variadas e, por vezes, díspares, tornou-se um terreno

propício ao nascimento de novos gêneros textuais, ou seja, novas formas de expressão que abarcavam uma visão polifônica do mundo, própria desse suporte midiático. É necessário levar em consideração que o jornal passou a ser “[...] um sistema de colaboração que permitiu multiplicar os pontos de vista sobre os acontecimentos” (Thérenty, 2015, p. 10).

Thérenty descreve características que emergiram nos jornais diários do século XIX com o surgimento dos folhetins nos rodapés dos periódicos e dos variados assuntos e textos veiculados nesse espaço. Como é sabido, o folhetim surgiu como um lugar de entretenimento aos leitores, de divulgação de espetáculos passou a veicular crítica literária e teatral, artigos com temáticas culturais e artísticas, comentários breves sobre atualidades, capítulos de romances e crônicas. Nas crônicas encontravam-se rotineiramente, por exemplo, a discussão do próprio ofício da escrita folhetinista/cronista. Ter consciência dessas informações, à primeira vista remotas, permite elucidar a estrutura e as estratégias utilizadas em jornais do século XX que não diferem de forma drástica dos primeiros periódicos.

As “versiprosas” de Drummond, do livro de 1967 e posteriormente 1973, integraram dois jornais bastante populares do século XX, *Correio da Manhã* e *Jornal do Brasil* entre os anos 1954 e 1970. Em uma breve análise ao projeto de organização desses jornais, nota-se que a discussão de artes e literatura e a circunscrição do espaço destinado aos textos de tom ficcional apresentam algumas mudanças. O espaço dedicado à literatura existia, mas há uma clara preocupação em especificar a seção de notícias e a seção artística. Vale pontuar que essa modificação pode estar relacionada à profissionalização do campo jornalístico no Brasil, que começou a partir de 1950.

Mesmo que os periódicos intentassem estabelecer uma separação nítida do que eram escritos de ficção e escritos jornalísticos, Drummond, em contrapartida, realizou em seus “versos em prosa” uma mistura que era bem típica dos textos produzidos pelos escritores jornalistas contemporâneos a Machado de Assis. O poeta coadunou a linguagem poética com as demandas cotidianas. Ele uniu a forma poética, que tende a ser mais ensimesmada, ao estilo prosaico, apoiado na trivialidade das notícias semanais. Em *Versiprosa*, o escritor tematizou assuntos diversos, como o clima, a política nacional, as festas tradicionais aos Santos, o aumento de impostos, o carnaval de rua e a copa de 1970. Assim sendo, o poeta construiu uma poesia-crônica, já que os seus escritos se apoiaram em referências tiradas dos jornais.

A respeito da terminologia poesia-crônica e o que ela implica, é pertinente convocar João Camillo Penna (2011), no artigo “O ensaio, a crônica, a poesia-crônica”. O crítico assume

a perspectiva de que a junção drummondiana entre prosa e poesia indica uma posição intelectual relacionada a um momento histórico, social e político reivindicativo de uma participação ativa dos intelectuais brasileiros. Tratava-se de acontecimentos marcantes como a Segunda Guerra Mundial, a ascensão do nazismo na Alemanha e a onda conservadora que se instalou no Brasil a partir de 1930. Penna aponta *Rosa do Povo* (1945) como o ponto culminante dessa tomada incisiva de posicionamento social de Drummond. Não se pode objetar, portanto, a influência desses fatos históricos nos escritos poéticos que os sucederam.

Em síntese, Penna considera a poesia-crônica praticada extensamente por Drummond, mormente a partir de 1945, como o resultado de uma inquietação perante o mundo, que se perfaz por meio de textos fortemente referenciais. A participação ativa nos jornais diários tornou-se, desse modo, sustentáculo para o poeta elaborar seus escritos, exercendo papel determinante nos procedimentos textuais ou mesmo nas temáticas abordadas.

A concretude desse movimento da crônica em verso ou da poesia-crônica materializa-se nos textos de *Versiprosa*, pois a maioria desses escritos foi retirada do *Correio da Manhã*. Neste periódico, Drummond tinha uma coluna fixa intitulada “Imagens”, publicada três vezes na semana. Constituíam-se de comentários curtos que versavam sobre assuntos diversos e eram acompanhados de um complemento, a exemplo de: imagens soltas, imagens bem-vindas, imagens tarifárias, imagens presentes, imagens de rua e imagens do dia. Baseado nesses subtítulos, é presumível identificar o teor dos escritos, os quais evocam bastante o tom conversacional, irônico e metadiscursivo das crônicas publicadas nos rodapés jornalísticos do século XIX. Quanto à estrutura, os textos eram construídos ora em versos, ora em prosa, porém todos os escritos selecionados para compor o livro *Versiprosa* encontram-se em versos.

Para Gilberto Telles (2004), as crônicas de Drummond, inclusive as de *Versiprosa*, de um modo geral, não são frutos “[...] de reminiscências. Elas nascem do burburinho da cidade, da fala dos adolescentes, da conversa dos comerciantes e dos acontecimentos que, diariamente, no ônibus, no trabalho ou na praia se apresentam como matéria que impressiona o cronista” (Telles, 2004, p. 119).

Com efeito, estendendo o olhar aos títulos dos poemas-crônicas em questão, percebe-se que as temáticas escolhidas pelo autor estão alinhadas ao contexto do cotidiano. Nelas, encontramos o “Relatório” das novidades da semana e o “Balanço de Agosto”, as “Coisas de Maio” ou a simples “Conversa informal com o menino”. Além disso, há os poemas-crônicas que aludem diretamente ao universo jornalístico, a exemplo de “Jornal em verso”, “Reportagem

matinal” e “Lira de jornal”.

Dentre os diversos poemas-crônicas de *Versiprosa*, dois textos chamam atenção. O primeiro por ter o título quase idêntico ao livro, “Em versiprosa”. O segundo, “O morto de Mênfis”, por apresentar uma forma próxima ao soneto e um tom elegíaco que diferem da grande maioria dos poemas-crônicas da obra. Tem-se, dessa forma, opostos complementares, em que a predominância do prosaico de um, flerta com a solenidade que o outro sustenta. Em outras palavras, é possível observar o entrelaçamento entre o efêmero da crônica e o sublime da poesia.

2. DO EFÊMERO AO SUBLIME

O poema-crônica “Em versiprosa” foi publicado no dia 11 de outubro de 1964, em uma coluna semanal intitulada “Imagens do dia”. Esse espaço, vale ressaltar, não se localizava em um caderno específico do jornal, a exemplo daqueles que veiculavam temáticas artísticas (teatro, música, artes plásticas, dança, cinema e literatura). O lugar do texto no jornal condicionava-se, quase sempre, ao assunto abordado pelo cronista. É o que aconteceu com o poema de 1964, visto que o texto foi situado argutamente adjacente à coluna “Brasil-França”. No decorrer da leitura do poema-crônica, logo se entende o motivo:

Soyez le bienvenu, mon général!
Que tal o meu sotaque? – Menos mal.
A questão é que as novas Diretrizes
e Bases não são lá muito felizes
ao deixar ao capricho do freguês
estudar tudo ou nada de francês.
Aprendemos assim, ano após ano,
somente inglês (inglês americano)
para dizer: *Welcome boy!* a Charles,
como se fosse um falar novo de Arles? (Andrade, 2002, p. 588).

O autor inicia o texto com uma expressão em francês de boas-vindas e, como se estivesse conversando com alguém, pergunta: “Que tal o meu sotaque?”. O questionamento serve de pretexto para o início de várias observações acerca de uma notícia de destaque no jornal: a chegada ao Brasil, especificamente ao Rio de Janeiro, do general Charles de Gaulle, presidente da França na época.

Drummond ironiza a chegada aclamada do general, assunto em muitas páginas do

*Correio da Manhã*². Na perspectiva do poeta, parecia contraditório cobrar do povo brasileiro “significativa mostra de unidade, de polidez e de fidalguia” (*Correio da Manhã*, 1964, p. 6) ao visitante estrangeiro, quando o estudo da língua francesa era irrisório comparado ao ensino de inglês americano nas escolas brasileiras. Nessa poesia-crônica, encontramos, então, a referência a uma realidade circunstancial aglutinada a um comentário irônico e crítico do cronista que, com um toque de humor, estabelece um claro contraponto. Nas próximas linhas, o autor continua:

[...] Ah! bem melhor, mais simples e faceiro,
falar ao general em brasileiro,
em carioca, na língua de Monsueto,
de samba, de “meu chapa”...
O resto é espeto.
Mas, em momento de efusão cordial
lembro e saúdo Béatrix Reynal
tão francesa, tão nossa, no Leblon
ensinando a ser útil e a ser bom.
Seu velho sonho: a França convidá-la
a ver de novo a França.
O muito amá-la
e servi-la, na hora do perigo,
não justificaria o gesto amigo?
Sê gentil, Marianne, e sem detença
a querida Béatrix leva à Provença (Andrade, 2002, p. 589).

O poeta alfineta a subserviência do governo brasileiro ao que é estrangeiro, para isso, ele dá destaque às particularidades culturais brasileiras, como o gosto por samba e o falar mais descontraído das pessoas, a exemplo do sambista Monsueto Menezes.

É pertinente considerar também o momento histórico que envolveu a vinda de Charles de Gaulle ao Brasil, isto é, uma visita política que simbolizou o reconhecimento do governo francês ao regime militar recém-implantado no Brasil. Drummond saúda o general francês, mas rapidamente a manifestação amistosa é transferida à francesa Béatrix Reynal, uma poeta que morou por muitos anos no Brasil. A intelectual teve papel importante na luta pelo fim da Segunda Guerra Mundial e atuou no restabelecimento socioeconômico da França após o conflito.

Sendo assim, o sonho de retorno da poeta francesa ao seu país de origem presente nos

² Ao pesquisar a respeito da vinda de Charles de Gaulle ao Brasil no jornal *Correio da Manhã*, disponível na Biblioteca Nacional Digital do Brasil, foram encontradas muitas referências acerca desse acontecimento. No dia 11 de outubro de 1964, diversas colunas do jornal comentaram entusiasticamente a chegada do presidente francês no Brasil.

seis últimos versos desse excerto denota uma referência sutil à situação política brasileira. Ao pedir a Marianne, símbolo da República Francesa, que não abandone Reynal na “hora do perigo”, Drummond indicaria a existência de algum tipo de ameaça à artista da Provença. A natureza dessa atemorização é exposta nos versos seguintes:

— Ei, amigos, chegou o dia onze.
Já pode repicar na torre o bronze,
acabaram-se as listas a granel.
Foi por falta de tempo ou de papel?
Se continuasse assim, pelo infinito,
não escapava gato nem mosquito.
Suspenso, aposentado, reformado,
demitido, cassado, processado,
e tudo mais em ido ou ado — geme
a justiça, se é que existe no IPM (Andrade, 2002, p. 589).

O perigo a que Béatrix Reynal estava exposta relaciona-se, dessa forma, aos Inquéritos Policiais Militares (IPMs), instalados pelo governo de Castelo Branco. De acordo com Paulo Giovani Nunes (2013, p. 2): “os referidos Inquéritos deveriam investigar as atividades de funcionários civis e militares, de níveis municipal, estadual e federal, para identificar os que estavam comprometidos em atividades ‘subversivas’”.

Em tom amigável com seus interlocutores, o poeta mineiro expressa, em tom de ironia, sua preocupação com as últimas medidas investigativas. Na verdade, naquele dia, o jornal *Correio da Manhã* noticiou, no mesmo caderno em que se encontra o poema de Drummond, o fim do “regime do listão”. Em outras palavras, era uma data que indicava uma trégua nas ações punitivas generalizadas dadas aos indivíduos tachados como uma ameaça ao governo militar.

As sanções envolviam aposentadorias compulsórias, suspensões, demissões, cassações e processos, indo, como Drummond salienta a outras punições terminadas com “ido” ou “ado”. O periódico *Correio da Manhã* noticiava continuamente casos de pessoas investigadas pelos IPMs e, é válido pontuar, a classe intelectual brasileira foi uma das mais afetadas, a exemplo de estudantes, professores e artistas em geral. Reynal estava incluída no meio artístico, isso explicaria a preocupação de Drummond com a integridade física da poeta no Brasil.

Nessas linhas de “Em versiprosa”, portanto, fatos recentes foram decisivos à escolha dos temas versados e ao uso de uma linguagem coloquial, semelhante a uma conversa corriqueira entre amigos. Sendo assim, assume um tom desprezioso, que, consoante a Antonio Candido (1981), é o ponto alto da crônica: “o ar despreocupado, de quem está falando coisas sem maior consequência; [que] no entanto, não apenas entram no fundo significado dos

atos e sentimentos do homem, mas podem levar longe a crítica social” (Candido, 1981, p. 18).

Nessa circunstância, “Em versiprosa” realiza um movimento que vai da inserção da “manchete do dia” a uma construção estética bem própria da poesia, a da rima. Desse modo, Drummond, estrategicamente, depois de comentar as “imagens do dia”, termina o texto dizendo:

Finda a semana, a chuva no lajedo
Zarandando, ponho-me a ler Macedo
Miranda, e nos contos de *As Três Chaves*
engenho e arte, em requinte, são como aves
de agudo bico, e bicam no mistério
das coisas um encanto extraordinário.
É rima? Não é rima? Pingo um pingo
na crônica, e a todos bom domingo (Andrade, 2002, p. 589).

A crônica alimentada do dia a dia e das notícias dos jornais, o tom de conversa, de intimidade com o leitor, incluindo a subjetividade de quem escreve, alia-se a uma linguagem poética que com “rima”, “engenho e arte” estrutura-se. O mais relevante está na consciência criativa e literária do autor que, ao integrar o verso rimado com a descrição e com comentários do dia, finda questionando: “É rima? Não é rima? Pingo um pingo na crônica” (Andrade, 2002, p. 589).

Vale destacar, ainda, outro aspecto do texto “Em versiprosa”: apesar de desenvolver-se em versos, não existe a divisão em estrofes. O que se observa são comentários intercalados que podem ser pensados como um texto formado por parágrafos, já que o modo como o poeta versa se assemelha ao tom de “conversa fiada”, do qual fala Candido (1981) ao se referir a crônica.

Na verdade, uma parcela significativa dos textos em *Versiprosa* não possuem estrofes, algo sintomático da ressonância da Semana de Arte Moderna de 1922, suas inovações estéticas e temáticas, na produção poética. A hipótese lançada é a de que, o poeta suprime as estrofes dos textos para acentuar o caráter prosaico de seus escritos, pois as composições em estrofes são mais usuais nos momentos de tom mais solene e metafórico. Obviamente, a composição não deixa de dialogar com alguma realidade imediata, mas verifica-se que há uma mudança na maneira como o assunto é tratado, “prosaicamente” ou “solenemente”.

O poema “O morto de Mênfis”, publicado no *Correio da Manhã*, no dia 12 de abril de 1968, ilustra bem essa mudança, que pode estar condicionada também ao espaço ocupado pelo texto na estruturação do jornal. Haja vista que, excepcionalmente, o texto não integrou a coluna “Imagens”, da qual advém a maioria dos escritos de *Versiprosa*. O poema aparece quase isolado

e em posição de destaque na décima terceira página do jornal carioca:

A arma branca
e o alvo preto
não cabem
no soneto.

A mão
que move o fuzil
destrói o til
da canção,

Fica no ar
o som
do verbo matar.

Na varanda, sem cor,
os restos
do amor (Andrade, 2002, p. 646).

A inflexão dramática presente nas quatro primeiras estrofes acompanha o poema inteiro. Composto por 24 estrofes com versos curtos e rimados, “O morto de Mênfis” reúne um conjunto de metáforas que se assemelham a fala grave de “Morte do leiteiro” dizendo: “Na mão a garrafa branca/não tem tempo de dizer/as coisas que lhe atribuo” (Andrade, 2002, p. 168).

A leitura do texto se torna mais sedutora quando as referências aludidas são desentranhadas. Os acontecimentos recentes veiculados pelas páginas jornalísticas e a postura política-ideológica do periódico *Correio da Manhã* são preponderantes a essa elucidação. Martin Luther King Jr., um dos maiores líderes da luta pelos direitos civis aos negros nos Estados Unidos, foi assassinado no dia 4 de abril de 1968, em Memphis. O crime ganhou bastante repercussão no Brasil. O jornal *Correio da Manhã* conferiu muitas notas a esse acontecimento e, no dia da publicação do texto de Drummond, o periódico se ateu a veicular notícias que envolviam violência policial a jovens negros, a situação do movimento negro após a morte do líder pacifista e a falta de informações concretas acerca do caso.

Essas informações atadas ao suporte do jornal são pertinentes, porque alargam a perspectiva do leitor que dispõe apenas do livro. Nesse sentido, Lúcia Granja (2018) chama atenção para o movimento de remontagem e esquema de *hiperlinks* suscitados por escritos que se alimentam da realidade, porque “[...] passam a ser compreendidos com base na remontagem operada naquela rede de remissões e interconexões, dentro do amplo sistema midiático e textual” (Granja, 2018, p. 23). O texto de Drummond dramatiza precisamente esse movimento elucidado por Granja, visto que ao recuperar os assuntos noticiados pelo jornal *Correio da*

Manhã, é possível fazer uma interconexão imediata, ou seja, a de que Martin Luther King Jr. seria “O morto de Mênfis” do poema de Carlos Drummond de Andrade.

Além de evidenciar o vínculo com um fato histórico, essa interconexão ajuda a entender a inflexão dramática e o tom solene assumido pelo escritor no poema, que, liga-se ao objetivo da sua especial colocação no jornal. O poema-crônica se constrói como uma homenagem póstuma a um ativista político, que foi, nas palavras de Drummond, mais um “alvo preto” de uma “arma branca” em uma varanda “sem cor”.

Para tal homenagem, o poeta se utiliza de uma linguagem enviesada e sugestiva que se mescla com elementos circunstanciais, qual seja, um homem negro foi assassinado em Memphis, a vítima se encontrava na varanda de um hotel no momento do crime e o autor do assassinato provavelmente teve motivações raciais. Utilizando as palavras do poeta, trata-se de uma “Legião” que “Não perdoa a vida”, cravando “lanças”, “Onde a vida fala/sua esperança” (Andrade, 2002, p. 646).

Nessa leitura, aponta-se dois olhares a respeito do crime aludido no texto. Nas dezenove estrofes iniciais, observa-se um tom pessimista em relação à morte e o que ela representa política e socialmente. O olhar volta-se para os algozes:

Onde a vida brota
seu talo verde,
ele vai e corta.

Onde a vida fala
sua esperança,
ele crava a lança,

borda o epitáfio:
Aqui jaz,
desossada, a paz.

Na linha de cor,
na linha de dor,
na linha de horror
[...]

O homem não se reconhece
no semelhante.

O homem anoitece.
[...]

As artes, os sonhos
dissipam-se no projeto
medonho (Andrade, 2002, p. 647).

Entretanto, ao mesmo tempo, nas cinco estrofes finais vai se construindo uma visão otimista, ao considerar que a morte física não conseguiu destruir o legado deixado por Luther King Jr. Existe o recomeço e a resistência dos que ficaram:

Mas renascem. De lágrimas,
pânico, tortura,
emerge a vida pura,

em sua fraqueza,
mais forte que a força,
mais força que a morte.

A raiz do homem
vai tentar de novo
o ato de amar.

Vai recomeçar.
Vai continuar.
Continuar.

O morto de Mênfis
continua a amar.
Ninguém mais o pode
Matar (Andrade, 2002, p. 647).

O que une o texto publicado em 1964 com o de 1968 é o exercício do escritor jornalista de misturar o factual com o fictício, é a capacidade inventiva e crítica em dialogar com notícias adjacentes. Os poemas-crônicas contribuem para o alargamento do entendimento do leitor, pois, como percebe Granja, as interconexões e remissões com o suporte midiático permitem um processo de remontagem do que foi lido e, portanto, ampliam as possibilidades semânticas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O livro *Versiprosa* é acompanhado pelo subtítulo “Crônica da vida cotidiana e de algumas miragens”. Esse detalhe torna-se relevante, de acordo com Leandro Sarmatz, porque indicaria duas modalidades de observação que atravessam a obra. Isso quer dizer que há crônicas “[...] altamente sintonizadas com seu próprio tempo” (Sarmatz, 2017, p. 276) e textos marcados por uma visão mais quimérica da realidade. Os dois poemas apresentados, “Em versiprosa” e “O morto de Menfis” conseguem materializar esse movimento da obra. O primeiro se alinha, tanto em relação ao tema e à forma, às notícias do dia, e o segundo, apesar de vinculado a uma circunstância, pode ser entendido, essencialmente, como uma indagação

lírca acerca do sentido da morte e da vida em meio ao caos e ao ódio coletivo.

Os textos analisados apresentam uma escrita híbrida e sinuosa que acompanha e incorpora as mudanças dissonantes da modernidade, realizada por um escritor consciente do seu papel enquanto escritor e jornalista. Grande problematizador da realidade, atento aos assuntos do mundo, à semelhança de Machado de Assis, Drummond consegue ser um observador agudo do que o cerca, analisando argutamente com humor e ironia a existência do homem enquanto ser social e metafísico. O poeta consegue atingir a “simbiose entre o homem, o texto e o tempo” (Granja, 2018, p. 21).

A imprensa, dessa forma, teve um papel importante para essa simbiose, já que ela abre caminho, incita e, por vezes, impõe ao artista uma criação que seja alicerçada na realidade, fazendo nascer escritas heteróclitas e nutridas pelo cotidiano.

A escrita de Drummond está atravessada pelo poeta e jornalista que foi. Isso quer dizer que a sua produção literária não pode ser desvinculada da sua produção jornalística. Tem-se muito do cronista semanal nos versos publicados em livros, o distinto humor, a ironia, a facilidade com que o poeta transita do real ao ficcional, do efêmero ao sublime, de uma linguagem que assume a naturalidade de uma conversa fiada e, ao mesmo tempo, de um discurso insólito e solene.

Nessa perspectiva, os poemas-crônicas “Em versiprosa” e “O morto de Mênfis” materializam a simbiose entre o campo literário e o jornalístico, já que transpuseram o jornal, retrato do circunstancial e do transitório, e passaram ao livro, símbolo da posteridade. Ao analisá-los à luz dos jornais, os textos de *Versiprosa* abrem-se a um prisma interessante de leitura literária, tendo em vista que muitas escolhas temáticas, estéticas e estilísticas, assim como o surgimento e a circulação de novos gêneros literários, associam-se ao sistema midiático em que essas criações poéticas foram inicialmente concebidas.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Tempo vida poesia*. Rio de Janeiro: Record, 2008.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Poesia completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002.

ANDRADE, Carlos Drummond de. “Ao morto de Mênfis.” *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro. Edição 23011, p. 13, 12 de abril de 1968. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/089842_07/91134?pesq=Ao%20morto%20de%20Mênfis>. Acesso em: 10 jan. 2024.

ANDRADE, Carlos Drummond de. “Em versiprosa.” *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro. Ed 21940, p. 6, 11 de outubro de 1964. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/089842_07/56282?pesq=versiprosa>. Acesso em: 10 jan. 2024.

CANDIDO, Antonio. A vida ao rés do chão. In: *Para gostar de ler – Crônicas 5*. São Paulo: Ática, 1981.

CORREIO DA MANHÃ. “Brasil-França”. Rio de Janeiro. Edição 21940, p. 6, 11 de outubro de 1964. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/089842_07/56282?pesq=versiprosa>. Acesso em: 10 jan. 2024.

CORREIO DA MANHÃ. “Escritores e livros”. Rio de Janeiro. Edição 20491, p. 2, 14 de janeiro de 1960. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/089842_07/446?pesq=o%20maior%20dos%20nossos%20poeas>. Acesso em: 02 jan.2024.

GRANJA, Lúcia. *Machado de Assis – Antes do livro, o jornal*. Suporte, mídia e ficção. São Paulo: Editora Unesp, 2018.

NUNES, Paulo Giovani Antonino. Golpe civil-militar e repressão no imediato pós-golpe em Minas Gerais. Cadernos do Tempo Presente. *Revista Interdisciplinar de História*. Grupo de Estudos do Tempo Presente-UFS, n. 12, 10 jun. 2013.

PENNA, João Camillo. O ensaio, a crônica, a poesia-crônica. In: *Drummond, testemunho da experiência humana*. Brasília: Abravídeo, 2011.

SARMATZ, Leandro. O homem do tempo. In: ANDRADE, Carlos Drummond de. *Versiprosa*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2017.

TELLES, Gilberto Mendonça. O privilégio de ler Drummond. Verbo de minas, vol. 1, p. 81-137, 2004. Disponível em: <http://www.academia.org.br/abl/media/celebracao9b.pdf>. Acesso em: 1 jan. 2024.

THÉRENTY, Marie-Ève. O longo e o cotidiano. Sobre a dilatação midiática dos romances nos séculos XIX e XX. *Interfaces*, vol. 1, n. 22, p. 117-136, jan.-jun./2015.

VAILLANT, Alain. A crônica no século XIX. As metamorfoses midiáticas de um gênero literário. *Revista da ANPOLL*, vol. 1, n. 38, p. 186-194, 2015. Disponível em: <<https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/issue/view/40/showToc>>. Acesso em: 1 jan. 2020.